

O encontro dos kaingang de Iraí e turistas: construções simbólicas e práticas¹

Me.Flávia Lac²

Resumo

O objeto deste trabalho é o encontro dos turistas com os índios Kaingang de Iraí, desde suas construções simbólicas prévias como suas idealizações até o pós-confronto desta realidade. A metodologia utilizada foi o trabalho de campo, com as técnicas de entrevista e observação participante realizadas principalmente durante o ano de 2004. Mostra a idealização, encontro e reformulação das idéias pelos turistas. Expõe as discrepâncias entre o índio ideal, romantizado ou o índio bruto, sempre como categoria generalizante, até os Kaingang da Terra Indígena de Iraí e novamente as diferenças entre estereótipos e realidade após o encontro. Da mesma forma com os índios, o que esperam do turismo e o que alcançam através dele, é analisado.

Palavras-chave

Turismo étnico; Kaingang; fronteira cultural; hospitalidade

Introdução

A fronteira étnica, segundo Nunes (2004), é “ao mesmo tempo, um ponto de ‘encontro e de desencontro’ dos grupos sociais em decorrência de conflitos diversos, especialmente de identidade”. Na fronteira, assim como na viagem, há possibilidade simultânea de conhecermos o outro e, assim, conhecermos a nós mesmos através da alteridade. Para os Kaingang de Iraí a alteridade encontra um problema: a invisibilidade.

O conceito de invisibilidade, segundo Leite (1993), foi utilizado pela primeira vez em 1952 em um romance do escritor americano negro Ralph Ellison, para se referir à problemática da discriminação em relação aos descendentes de africanos. O autor descreve a invisibilidade como uma disposição peculiar pela qual as pessoas vêem a realidade com seus olhos físicos, fenômeno da ordem da representação, tratando também da identidade continuamente reinventada a partir das representações de como cada um se vê e é visto pelos

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo e construções simbólicas” do IV Seminário de Pesquisa do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Graduada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Especialista na Criação e Gestão de Empresa Agroturística e Turístico-rural pela Leader Ulixies, Porto Alegre/RS e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná, e-mail: flavialac@hotmail.com

outros. “A invisibilidade dentro desta perspectiva exprime diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, constituindo quase uma categoria de análise” (LEITE, 1993).

A invisibilidade tem um eixo na constituição do Estado. Do ponto de vista do Estado, segundo Maybury-Lewis (*apud* Oliveira, 1999):

“no pensamento iluminista as organizações intermediárias entre o Estado e o indivíduo são vistas como arcaicas e irracionais, toda e qualquer associação étnica que não corresponda à nacionalidade dominante deve ser desencorajada ou mesmo suprimida”.

Oliveira (1999) completa dizendo que a solução brasileira para a construção de uma unidade nacional é atravessada por este pensamento, o que “pode ser constatado, tanto no plano ideológico, como nas estratégias de ação social”. Na sua visão, a imaginação política parte da fábula das três raças, referidas ao passado como igualmente fundadoras da nacionalidade, sendo logo substituída pela sua negação, com a apologia da mistura e o progressivo branqueamento. Sendo assim, como estratégia, os índios são sempre referidos como parte do passado. As imagens e estereótipos associados aos índios os apontam como primitivos ou muito próximos à natureza, podendo ser constatado nos termos com que os designam: “aborígene” qualificando primitivo, “silvícola” referindo à floresta e “bugre” ao mundo animal. Segundo o autor a cultura indígena é destacada por sua extrema simplicidade (próxima à natureza e pouco civilizada) ou por seu exotismo (crítica aos costumes tidos como extravagantes). A impressão que passa hoje é que os índios já foram terminaram há muito. Para as comunidades do interior que convivem com os índios, por conflito de interesses, referem-se aos índios na melhor das hipóteses como descendentes ou remanescentes de índios, o que infere em seu status jurídico. Ainda assim, referir-se antepassados indígenas pode ser motivo de orgulho e conferir autenticidade. No contexto atual, os estereótipos que circundam o termo generalizante “índio” vão desde traçoeiro indomável e preguiçoso, até puros, ingênuos e bons, incapazes de vilanias.

Nas políticas públicas, de acordo com Oliveira (1999), a atuação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que funcionou de 1911 a 1967 e foi então substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), permite observar outra ideologia, a da “consciência culpada” do processo de conquista, traduzida em políticas de compensação. O paternalismo e o romantismo do SPI permitiu a sobrevivência de sociedades indígenas fortemente ameaçadas, porém subestimou a problemática indígena frente ao Estado baseando-se em sua estatística minoritária de indivíduos e não colocou em prática qualquer proposta consistente relativa ao futuro dos índios nem estabeleceu formas de participação dos índios na nação brasileira. De outro lado, os sertanistas qualificam o destino dos índios de forma pessimista, comparando-os a fósseis vivos, um repositório de virtudes prestes a serem perdidas pelo contato interétnico.

Atualizam, assim a imagem de “bom selvagem”, buscam em seu trabalho índios pouco corrompidos, o que estabelece um paradoxo para sua atividade (OLIVEIRA, 1999)

Os turistas vêem os índios da mesma maneira, o que suscita a questão: o que buscam os visitantes? Para responder temos de levar em consideração que os turistas dificilmente entram em contato direto e imediato com os Kaingang no local de visitação, mas contatam primeiramente os regionais da cidade nos hotéis, às vezes durante os passeios com guias ou motoristas, para depois reconstruírem seu ponto de vista. De que forma e em que grau o contato com a comunidade indígena modifica conceitos e preconceitos dos turistas e, portanto em que medida os Kaingang de Iraí atingem seu objetivo de conscientiza o são questões as serem estudadas.

O olhar do turista, de acordo com Urry (1996),   constituído de signos, socialmente construídos e disseminados principalmente através da m dia. O turista é imerso em um universo de símbolos que motivam seu consumo, que apesar de ser uma visão de razão prática, não deixa de ser um elemento no comportamento do turista.

Sendo assim, no caso dos índios do Sul do Brasil, o fen meno da “invisibilidade”   agravado pela m dia. Geralmente quando os índios são tema da m dia, o enfoque jornalístico é voltado para denúncias ou grandes manifesta es de resistência, reforçando o estigma de “pouco civilizados” nas raras vezes que aparece a temática. Dificilmente manifesta es culturais pacíficas têm espaço e quando têm muitas vezes são deturpadas.

As referências feitas a índios por não índios em programa es de lazer como novelas e programas de humor geralmente são preconceituosas e estereotipadas. E, quando são temas em reportagem maior, em programa es de grande audiência, são geralmente referentes a grupos de índios isolados na Amazônia ou grupos do Xingu. As repercussões destas divulga es se traduzem nas dificuldades relatadas pelos Kaingang da T. I. Iraí, como conta um membro da comunidade indígena questionado por um político da cidade: “*tu não    ndio?*” ao que ele respondeu “*sou*”, sendo correspondido por outra pergunta “*então o que tu está fazendo aqui, lugar de  ndio é na Amazônia*”.

A busca do  ndio como um autêntico remanescente dono de uma cultura completamente exótica (sendo autenticidade ligada à anterioridade) ou do “ ndio da televisão”, o  ndio isolado (outra versão da valoriza o da anterioridade) sempre como uma categoria coerente e uniforme, são aspectos que despertam o interesse dos turistas pelos  ndios. Enquanto isso, segundo Oliveira (1999), “a antropologia mostra que ‘o  ndio’ não é uma unidade cultural, mas é uma unidade legal acionada para obter o reconhecimento de direitos específicos”. Neste contexto, os índios reais passam a ser considerados “falsos”

enquanto a imagem atemporal e genérica associada “índio bom e verdadeiro” se torna cada vez menos pertinente.

Porém, de acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1976),

“a identidade étnica desde a obra de Barth não é redutível às formas culturais e sociais altamente variáveis. O grupo étnico não é definido em termos culturais, mas por constituir uma forma de organização social, sempre em relação a outros grupos. A identidade social é um processo, efetuado através da atualização da noção de grupo social que no âmbito das relações interétnicas compõe um sistema de oposições e contrastes onde há complementaridade. A identidade contrastiva surge da oposição e ‘rejeição’ da outra identidade tendo uma carga inevitável de etnocentrismo”.

No decorrer de duzentos anos de contato com a sociedade nacional, a sociedade Kaingang passou por inúmeras mudanças, incorporando alguns elementos oriundos da relação dinâmica que constitui sociedades vivas. Em um olhar rápido pode-se pensar que eles perderam contato com seu antepassado indígena. E, de fato, muitas pessoas não consideram os Kaingang “índios verdadeiros”, porém de acordo com Neira (2002)

“se identidade na matemática serve para denominar o que permanece, o estável, o ‘idêntico’, em matéria cultural serve para designar um sistema dinâmico de auto reconhecimento e tal como faz uso deste, um grupo que está em constante mudança. (...) A identidade, assim como forma de vida de acordo com certos valores é também um sistema de privilégios e exclusões. (...) O conceito de cultura inclui prescrições de comportamento e de pensamento e sanções para quem não cumpre o exigido”.

Tommasino (2000), argumentando em prol das sociedades como entidades dinâmicas afirma que:

“Se a sociedade nacional percebe os índios inseridos como povos dominados, da perspectiva Kaingang eles mantiveram parte de seus costumes tradicionais que, somados aos novos padrões introduzidos ou inventados, constituem sua cultura contemporânea. Mesmo os elementos ocidentais foram internalizados segundo a lógica Kaingang”.

O conceito de turismo utilizado aqui é de Barretto (2004): “turismo é um ato praticado por pessoas que realizam uma atividade específica de lazer, fora de suas respectivas cidades, e se utilizam, para atingir seus objetivos, de equipamentos e serviços cuja prestação constitui um negócio”.

Pode-se dizer, de acordo com Grünewald (2001a), que todo o turismo é cultural já que habitualmente há duas culturas em jogo, mas isto é duplamente verdade para o “turismo cultural” ou “étnico” onde a própria “cultura” é o atrativo primeiro e alvo da curiosidade do turista. Assim, como o turismo étnico busca conhecer nativos “íntactos”, a própria presença do turista os tornaria menos tradicionais, transformando-os em *tourées*.

De acordo com Serrano (2001) há uma impossibilidade do turista “encontrar o ‘outro’ (...) afirmando que o viajante contemporâneo ‘viaja’ sem sair do lugar”. A experiência

do espaço e do tempo implica uma distinção entre os opostos, cotidiano e viagem, configurada em três momentos: alimentação, compras e contemplação. “É através deles que o turista negocia sua aproximação, sua participação e seu distanciamento com referência aos locais visitados”.

Urry (1996) afirma que os turistas demonstram um especial fascínio pelas “vidas reais” dos outros. Mas, segundo Santana Talavera (2003), a autenticidade buscada pelo turista e vivida pelo residente não tem que necessariamente coincidir com a materialidade forjada em uma área. A autenticidade está mais relacionada com o modo como se apresenta e se percebe uma determinada interpretação. Trata-se para o turista de uma construção individual, contextualizada nas experiências do sujeito. O encontro em uma situação turística se compõe de indivíduos ou grupos inter atuantes que cumprem papéis complementares e que estão orientados instrumentalmente. Para o nativo, há uma tendência a adotar “estilos” de interação efêmera dado o número de interações que estes fazem, ser maior que o número limitado de interações possíveis ao turista na comunidade receptora.

As disposições identitárias, políticas e educativas da cultura e patrimônio não precisam ser idênticas a seus usos turísticos. A principal diferença vai estar na necessidade de recriar e encenar a imagem vendida que pode chocar-se com as metamorfoses culturais efetuadas em outros campos. Para alguns, o reconhecimento destas transformações leva a crer que o turismo perverte as populações em que se desenvolve. Mas, paradoxalmente, este tipo de concepção da cultura trazido pelo turismo alimenta as diferenças, predispostas a enxergar as coerências internas.

Grunewald (2003), apoiado em MacCannell, sustenta que o que muda na comunidade receptora de turismo étnico é somente a retórica, a fim de produzir a impressão de progresso, “enquanto formas mais velhas de repressão e exploração são perpetuadas embaixo da superfície”. Trata-se então de uma “pseudomudança”, na qual “os membros do grupo passam a se pensar não enquanto um povo, mas como representantes de um autêntico modo de vida” em que as mudanças não são pensadas mais “em termos de utilidade prática mas como assunto que tem implicações econômicas e políticas para o grupo inteiro”. Neste ponto, Picard e Wood (*apud* Grunewald, 2003), apontam que os interesses do Estado Nação podem ser auxiliados no relacionamento com suas minorias étnicas, pois o turismo “promove oportunidades para representações das construções culturais de minorias étnicas que são compatíveis com a ideologia nacional”.

Por outro lado, estas comunidades acabam muitas vezes por fazer da arena turística o ponto onde conseguem falar de si para o mundo, “um mundo pós-moderno que necessita cada vez mais do ‘primitivo’ como ponto estratégico” (Grunewald, 2003, p. 155). O autor segue

dizendo que “a institucionalização de primitivos para outros” seria uma resposta à “necessidade mítica” que permanece viva devido aos vários impérios construídos sobre esta base. As comunidades indígenas têm então a “opção de basear o seu avanço econômico no fazer um ‘show’ de suas qualidades distintivas, sua singularidade cultural”.

Metodologia

Foi realizado trabalho de campo em três etapas desenvolvidas em 2004: em abril por ocasião do Dia do Índio; em julho e em agosto de 2004 (conhecendo a realidade da Terra Indígena Serrinha, acompanhando o grupo de danças à Santa Maria e pesquisando na sede da FUNAI em Passo Fundo) e em outubro. Estas etapas porém foram precedidas por um período de aproximação que teve início em 2000 e se intensificou principalmente no ano de 2002 através dos índios residentes em Porto Alegre, oriundos da Terra Indígena Iraí.

Foram realizadas entrevistas sistemáticas com agentes do turismo, turistas e índios kaingang nas três visitas realizadas. Todas entrevistas foram realizadas no idioma português devido às limitações da pesquisadora, sendo que para entrevistar alguns índios foi utilizado outro índio como intérprete. Nos momentos de observação participante, como no Dia do Índio, tal limitação não se fez evidente por se tratar de interações em português devido a ser este o idioma falado pelos seus visitantes porém quando os Kaingang se comunicavam entre si apenas faziam uso de seu idioma, tornando restrito o acesso ao seu mundo sem o conhecimento de seu idioma. Aos resultados coletados com os Kaingang foi dado um tratamento mais qualitativo enquanto que aos coletados com agentes de turismo e turistas foi dado um tratamento quantitativo.

Enquanto agentes de turismo, entrevistamos hoteleiros e transportadores em seus locais de trabalho. Os turistas foram entrevistados nos hotéis em que estavam hospedados e os índios em suas casas ou em casas de outros índios onde estavam como visita.

Além de ficar hospedada na casa de Augusto *Opê* da Silva (ex-cacique) pude vivenciar a rotina na casa de Roberto Carlos dos Santos (ex-cacique e conselheiro), na casa de Antônio (liderança indígena major) e de Luiz Vitorino (pastor de igreja evangélica), onde também pude ficar hospedada.

Resultados:

A terra é um elemento cultural e que permite o desenvolvimento da cultura, muito importante para os Kaingang. Sendo assim, após longa disputa, em 1992 a Terra Indígena Iraí foi demarcada e está localizada ao norte do Rio Grande do Sul, com 279,9 hectares, junto à estação hidromineral. Dentro dessa área está o que era o único aeroporto asfaltado da região e

hoje desativado, causa de muita polêmica entre os não índios. O centro das habitações indígenas, localizado na pista de pouso, está a 6 quilômetros da cidade por estrada de terra.

Nesta Terra Indígena, os índios Kaingang vivem basicamente de seu artesanato, o que leva a um maior contato com o turismo, pois existe pouco espaço disponível para plantar. A terra é composta por 70% de mata nativa que não pode ser explorada de acordo com a Legislação e os 30% restantes são áreas com terra pedregosa, uma pista de pouso e três açudes construídos.

A população indígena habitante desta terra, em junho de 2003 segundo dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), era de 101 famílias, com 35 sobrenomes diferentes, totalizando em abril de 2004: 485 pessoas. A maior parte da população é composta por jovens (até 26 anos: 339; de 27 a 51 anos: 112; de 52 a 85 anos: 32; e maior de 86 anos: 2). Para esta população, segundo os agentes indígenas de saúde, existem 86 casas distribuídas pela terra indígena, sendo que 4 são de lona, 11 são de madeira e 71 são de concreto.

A liderança indígena em 2004 era composta pelo Cacique e Vice-Cacique, Major, Capitão, Sargento, Cabo e Polícia Indígena com cinco integrantes. Há também o Conselho Indígena que no momento tem dois componentes. Seu papel é ajudar em conflitos entre as lideranças e em conflitos mais graves na comunidade indígena. Existe também o Conselho do Instituto Humanitas³ com três componentes, que serve para auxiliar na administração da sede do instituto dentro da Terra Indígena. Todos estes cargos não são remunerados e a estrutura assim como a nomenclatura dos cargos da liderança indígena foi herdada do Serviço de Proteção ao Índio.

Quando indagados sobre as peculiaridades da T. I. Iraí, as lideranças e alguns indígenas de Iraí responderam que cada comunidade indígena, mesmo as da mesma etnia, são diferentes em sua vivência devido aos problemas que enfrentam e sua organização. Segundo estas lideranças, a T. I. Iraí se diferencia, até no sotaque. Eles citam várias diferenças: consideram-se mais respeitados que outras comunidades, mais mobilizados pelo que querem, têm mais diálogo inclusive entre líderes e ex-líderes, a liderança escuta mais, são exemplos de liderança para outras terras indígenas kaingang, as casas são mais próximas, têm mais união, a cultura é mais preservada e os índios não têm vergonha de si mesmos, é a única área que cultiva a cultura por isso tem menos brigas e mais apoio entre os membros da comunidade, todos falam a língua kaingang e o artesanato é diferenciado (melhor e mais variado), avaliam que não sofreu muita influência da cultura do branco e há muita conversa para enxergar as coisas.

³ É uma Organização não Governamental da Igreja Católica.

Além de seu artesanato, principal fonte de renda para a maior parte da comunidade, realizam trabalhos braçais em fazendas e 28 pessoas recebem aposentadoria. A comunidade recebe também o mesmo auxílio que os não índios. Dentro dos programas do Governo Federal, recebem a Bolsa Escola e, 60 famílias recebem auxílio pelo programa Fome Zero. Somente 16 integrantes desta comunidade são assalariados sendo 12 pela escola indígena *Nãnga*, 3 pelo Posto de Saúde da FUNASA e uma pessoa pela ONG Instituto Humanitas. Cada família possui um pequeno roçado e para mantê-lo a comunidade recebe um auxílio anual da FUNAI. No ano de 2004 esse auxílio foi de quatro mil reais para servir a duas Terras Indígenas: Iraí e Rio dos Índios. Essas terras também recebem algum auxílio através de projetos anuais junto a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) pelo RS Rural⁴.

Outros recursos também foram conquistados pela comunidade na T.I. Iraí: água encanada, luz, as casas de alvenaria (através de recursos da FUNAI, do RS Rural e da Fundacion Roncalli), uma quadra de futebol, uma cancha de bocha⁵, um salão ou galpão de festas, um posto da FUNAI, um posto de saúde da FUNASA, uma escola bilíngüe, o Instituto Humanitas da Igreja Católica e três Igrejas Protestantes (das denominações: Só o Senhor é Deus, Só o Senhor é Deus Universal e Assembléia de Deus).

No município de Iraí, há sete hotéis: Iraí, Balneário, Thermas, São Luiz, Avenida, Internacional e Planalto. No total são 362 apartamentos ou quartos com capacidade para hospedar 740 pessoas. Geralmente os moradores da cidade indicam como turísticos apenas os primeiros cinco hotéis citados. Uma das razões para isto é que os outros dois hotéis trabalham com pensionistas ao longo do ano e veranistas apenas na temporada.

Para os hotéis, o período de alta temporada começa entre outubro e novembro e termina entre março e maio, o que pode variar de hotel para hotel. Neste ponto percebe-se a diferença entre o interesse dos Kaingang pelo turismo dos hoteleiros, pois a maior parte da comunidade kaingang de Iraí viaja pelas praias de dezembro a março para vender seu artesanato. De fato no calendário agrícola, escolar e de festas há um intervalo nestes meses. A colheita é realizada em dezembro e a escola indígena tem um período um pouco maior de férias para que haja tempo de as famílias retornarem. O dia do índio é marcado pela presença de praticamente toda a comunidade, reiniciando o novo ciclo de estadia na Terra Indígena.

O público dos hotéis na alta estação é composto por hóspedes particulares, jovens casais em férias, variando bastante, no resto do ano, quando os Kaingang estão em Iraí, são quase exclusivamente excursões de terceira idade.

⁴ RS Rural é um programa da EMATER/RS.

⁵ Construída pelos índios em 2004, com restos da construção de salas de aula para a escola, feitas do desmanche de um galpão de vendas de artesanato que não funcionou.

O turismo de Iraí tem sua base firmemente calçada na rede hoteleira – hotéis familiares dos quais o turista sai sozinho praticamente apenas para ir ao balneário. Todos os passeios costumam ser ofertados pelo próprio hotel, inclusive os serviços de animação turística como pequenos bailes e shows. A principal atração da cidade é o Balneário, que não atende mais às expectativas dos moradores de Iraí, pois é antigo e possui limitada infraestrutura.

Dois destes hotéis, Iraí e Balneário, promovem passeios para a Terra Indígena de Iraí. Segundo Leonardo Teston, filho do proprietário e gerente do Hotel Balneário, há quatro anos havia roteiros de passeios tipo *city tour* pela região, desses, três passavam pela reserva indígena (todos com saídas mensais do Hotel, com grupos de, em média, trinta pessoas). A operacionalização destes passeios funcionava da seguinte forma: contactava um motorista que por sua vez contactava as lideranças indígenas. Logo na entrada era feita uma dança, seguida da venda de artesanato. A visita dos turistas durava cerca de quarenta minutos à uma hora.

Atualmente o Hotel Balneário faz cerca de dois passeios ao ano deste tipo. O passeio é realizado sem guia e às vezes acompanhado por um funcionário do hotel. O passeio, com duração de uma hora, custa de dois a três reais e dele participam em média 20 pessoas. As informações a respeito dos índios cedidas pelo motorista ou funcionário são as mesmas que circulam na cidade, imprecisas, esparsas e até mesmo errôneas.

O Hotel Iraí promove visitas à Terra Indígena há quatro anos. Com relação à frequência das visitas houve uma divergência de informações: na primeira entrevista informaram que seria geralmente duas vezes ao mês e na segunda entrevista, quando solicitamos acompanhar um destes passeios, os funcionários do hotel informaram que este passeio era realizado apenas duas a três vezes ao ano. O hotel não possui um guia formado, sendo assim acompanha o guia que veio com o grupo e, às vezes, um recepcionista pode ir também. Segundo Gilson Conzatti, gerente e filho do proprietário, a organização do passeio acontece da seguinte forma: primeiro há contato direto com o cacique Valdemar que indica um índio (historiador) ou ele mesmo conversa com o grupo de turistas. A visita dura em média 45 minutos e é parte de um *city tour* que dura duas horas e meia.

Os Kaingang de Iraí classificam como positivo a visita daqueles que, seja em grupo ou seja de forma independente, descem dos carros, pois sentem-se tratados como animais em um zoológico quando os turistas não descem dos veículos.

Os Kaingang em Iraí não dependem do turismo. Esta atividade beneficia economicamente apenas parte da população que comercializa seu artesanato diretamente com os turistas. Ainda assim vêem o turismo como algo positivo, mas que pode ser melhorado.

Essas melhorias nem sempre estão ligadas ao lucro monetário que o turismo pode proporcionar, mas, da forma com que eles se expressam e se apresentam nesta arena turística.

A marca do turismo na Terra Indígena em Iraí é a hospitalidade dos índios. O dinheiro é ganho, nestas visitas, exclusivamente com a venda de artesanato que de fato ocorre majoritariamente na cidade. Os índios não apenas aceitam que os turistas os visitem o local de suas residências como apresentam suas danças, fruto do “resgate cultural” ou ainda designam um índio para falar de seus costumes. Nenhuma destas atividades é remunerada, o que levanta a questão: o que estes índios estão trocando com os turistas e porque fazem todo este esforço? Isto é a hospitalidade indígena que também tem uma certa expectativa em relação ao comportamento do hóspede: que ele não recuse ou se queixe do que lhe é ofertado. Portanto os turistas são recebidos desta maneira tradicional.

Para os turistas trata-se de uma oportunidade de confrontar seus estereótipos à realidade. E o que os Kaingang buscam mesmo nesta arena é o respeito.

O contato dos turistas com os índios, porém, não se dá exclusivamente na Terra Indígena. Alguns índios vão até a frente dos hotéis ou até a frente do balneário para vender seu artesanato.

Diante desse fato, entrevistamos dez pessoas (cinco homens e cinco mulheres de idades que variam de 59 a 83 anos), integrantes de um grupo de terceira idade, hospedado no Hotel São Luiz há cinco dias e que teriam uma estadia de dez dias em Iraí. Os entrevistados afirmaram viajar pelo menos uma vez ao ano para destinos variados. Destes, sete já haviam visitado Iraí recentemente e quatro vem todos os anos. Entre as razões que os levaram a Iraí nenhum dos entrevistados citou a presença indígena, mas como motivação principal apareceram como respostas: águas termais, descanso, passeio, saúde e estar com os amigos. Trata-se de turistas recreacionais e não turistas étnicos.

Os turistas entrevistados possuem diferentes opiniões sobre os indígenas. Todos, porém, de maneira mais ou menos direta, reproduzem imagens e estereótipos que apontam os índios desde traiçoeiros, indomáveis e preguiçosos até puros, ingênuos e bons, incapazes de vilanias. Corroborando a imagem de “bom selvagem” e também a “consciência culpada” (OLIVEIRA, 1999).

Quando indagados se conheciam os índios da etnia kaingang, apenas seis disseram que conheciam: cinco os relacionaram aos índios que encontraram em Iraí e um disse que conheceu através da televisão e descreveu-os como agressivos, não produtivos e que só querem espaço. No entanto, todos disseram ter tomado conhecimento de alguma forma dos índios em Iraí. Ao serem questionados sobre o que sabiam, as respostas foram variadas e carregadas de opiniões: fizeram perguntas como “do que vivem eles?”; ou comentários sobre

o fato de que vivem no aeroporto, espaço que visitaram e foram aconselhados a não descer do ônibus; reconhecem que os índios até representam atração turística e são educados; que possuem uma reserva bem organizada e bem assistida pela FUNAI e prefeitura, pois não os vêem como bêbados nem pedintes sendo a maior parte de Iraí mesmo; que a “zona” (aeroporto) é deles, não cultivam muito a terra, são habitantes da região, que o aeroporto foi construído em Terra Indígena e que o índio não é integrado como ser humano. Até acusações dos que consideram os índios como vadios, pois suas crianças são colocadas para vender artesanato e vivem com cesta básica; não são sérios, são “preguiçosos”.

Sobre a presença Kaingang em Iraí: que “ficam com pena pois eles teriam que ter um local tranqüilo para viver”; outros respeitam já que os índios não incomodam e chegam inclusive a gostar deles; os que vão aos hotéis são considerados “bonzinhos”; não estorvam; alguns reconhecem que os índios vivem a vida deles e os turistas que se intrometem; outros ainda acham que os índios são relaxados pois falta higiene, que precisam trabalhar mais e cumprir prometidos, teriam que produzir e não cobrar pelas fotos tiradas. O organizador do grupo diz que: é maravilhoso, deviam fazer casas típicas como ponto de atração turística, reconstruir uma tribo lá na aldeia, afirma que nós temos culpa.

Os turistas não mencionam em nenhum momento a hospitalidade indígena. Isso demonstra que os turistas não reconhecem este esforço tradicional da cultura Kaingang. As opiniões dos turistas giram em torno do que deve ser feito e qual seria o tratamento adequado aos Kaingang, mas não reconhecem o tratamento que os Kaingang consideram adequado a eles, exceto em suas precariedades.

Para os Kaingang, o turismo é uma experiência recente. Não existe palavra no idioma kaingang para designação de turismo ou turista, embora existam palavras relacionadas.

Uma descrição do turismo na Terra Indígena também pode ser feita a partir das entrevistas com os moradores da T.I. Iraí. Segundo Luiz Nascimento, membro do conselho indígena, o turismo na T.I. *“é bom porque a gente faz uns troquinhos, mas não é muito. Uns descem, outros ônibus ficam todos no carro”*. Segundo Valdir Loureiro, integrante da polícia indígena, os turistas *“chegam para conhecer o material, artesanato, as picadas onde foi demarcada a terra. Seria importante que descessem do ônibus, mas acho que eles têm até medo”*. Para os que descem, segue a opinião de Luiz Vitorino, pastor da igreja Assembléia de Deus, *“mostrar as danças e palestrar é bom, eles gostam”*. Mauro Casemiro, professor de cultura da escola *Nãnga*, diz que os turistas *“vêm para olhar nossa tribo, nossas danças, comidas e artesanato. Sempre tem microônibus, mas não é toda semana, é bem ralo. Vem de curiosidade para olhar, passear. Seria muito bom se descessem do ônibus, descer demonstra orgulho”*. Segundo os Kaingang de Iraí, os turistas não descem porque têm medo. Este medo

está relacionado ao estigma de que os índios são cruéis e violentos, em uma concepção generalizada aos índios, como demonstrada, e mais específica relativa aos Kaingang como violentos e cruéis. Este estigma, sob a concepção de Goffman (1980), está relacionado ao “desacreditado”, ou seja, àquele que leva o motivo de estigma exposto, pois apesar de dizerem que os índios mudaram sua aparência, não é facilmente dissimulável o fato de que são índios. As pessoas que descem dos carros seriam então àquelas definidas por Goffman como “informadas”, simpatizantes dos índios. Muitas vezes o comportamento dos turistas, em não descerem do ônibus é recomendado pelos regionais, moradores não índios de Iraí.

O turismo dentro da Terra Indígena de Iraí é visto pelos índios entrevistados como positivo, mas ao mesmo tempo pode ser melhorado⁶. Embora a venda do artesanato seja a única fonte de renda com o turismo, poucos entrevistados referiram-se a questão econômica da atividade turística. De fato, para os índios, turismo trata-se de receber pessoas que saem de seus locais de residência para passear. Estes turistas deslocam-se para locais de interesse turístico a fim de buscar coisas novas, conhecer culturas diferentes ou fazer pesquisa histórica. Portanto a questão do desenvolvimento econômico com o turismo é secundária. Isto se traduz no tratamento que os Kaingang de Iraí tem dado a esta atividade. Ao invés de focalizar a venda do artesanato como eixo do turismo, os Kaingang lançam mão de uma estratégia tradicional, a formação de uma comissão para tratar do tema, a comissão indígena de turismo que não tem poder de decisão mas serve apenas para reflexão e aconselhamento das lideranças a respeito do tema.

O turismo aparece na fala dos índios, entre outras coisas, como uma forma de “amansar” os brancos. Nas palavras do major Antônio,

“No verão, vem mais gente aqui em cima ver nossa preservação. Vem sempre conhecer as coisas principais dos índios, não vem para desrespeitar. Conversam com a gente, é bom para nós. Uma vez só criticavam, agora se comportam que nem nós, não criticam ninguém”.

A informação de que “*se comportam que nem nós*”, deixa a entender que os Kaingang estão ensinando na atividade turística, especialmente o respeito. A constatação de que “*uma vez só criticavam, agora (...) não criticam ninguém*” mostra que não só os turistas aprendem, mas também os não índios que trabalham com o turismo, pois esta situação reflete que talvez os turistas estejam recebendo menos informações contrárias aos índios para

⁶ Para treze dos trinta entrevistados, ao serem indagados sobre o turismo dentro da Terra Indígena de Iraí, o turismo é bom e importante. Para onze dos entrevistados, o turismo dentro da T.I. é insuficiente e pode ser melhorado. Nenhum dos entrevistados mostrou-se contrário à idéia dos visitantes dentro da T.I., embora alguns não tenham contato direto com este movimento, expressam que a outros que vendem seu artesanato pode ser vantajoso. Há de ser levado em consideração que o turismo é algo de que muitos querem se informar melhor. Para três dos entrevistados, turismo é algo que ainda vão experimentar e que teve seu começo no diálogo entre a comissão de turismo da cidade e a comissão de turismo da aldeia.

confrontar com os índios e, é neste sentido que se pode dizer que estão “amansando” os não índios.

Augusto Opê da Silva, coordenador da comissão de Turismo, membro do Movimento de Resistência Indígena e ex-cacique, diz que o turismo “*é um jeito de divulgar nossa causa*”, ou seja, sensibilizar os não índios para o respeito e a valorização do índio. As expectativas também refletem os benefícios que podem advir desta atividade. Neste sentido Jairo Sales, morador recente da T.I. Iraí, acredita que “*através do turismo o índio será moralizado, reconhecido e ouvido. Se o turista tiver uma boa impressão melhora o preconceito. O turismo é a nossa arma*”. Luiz Salvador, membro da comissão indígena de turismo, afirma que “*respeito é importante e ter conhecimento de outras culturas para que não haja mais conflito*”.

Considerações Finais

Retomando o que foi dito, a fronteira étnica é para os Kaingang o lugar da invisibilidade. Pois os índios são sempre referidos como parte do passado e através de estereótipos que vão desde traiçoeiro, indomável e preguiçosos até puros, ingênuos e bons. Isto se reproduz no que buscam os turistas e através dos signos veiculados pela mídia que compõe seu olhar. Sendo assim, a identidade Kaingang é questionada, mas sua realidade é a de um processo que está em constante mudança.

Turismo é atividade de lazer fora da cidade do indivíduo, utilizando equipamentos e serviços cuja prestação constitui um negócio. Todo o turismo é também cultural já que habitualmente há duas culturas em jogo, mas isto é duplamente verdade no caso do turismo étnico, onde a outra cultura está ela mesma em evidência como atrativo. Porém esta atratividade transformaria nativos em *tourées*, atores conscientes de seu papel no turismo.

Neste ambiente, o viajante contemporâneo, possui a impossibilidade de encontrar o “outro” vivendo os opostos, cotidiano/viagem, configurados em três momentos mediadores: alimentação, compras e contemplação. A autenticidade buscada pelo turista não tem que ser necessariamente igual à materialidade forjada para o turismo, pois sua eficácia depende de como se apresenta e é percebida determinada apresentação. Turismo, assim, é o encontro de pessoas com papéis complementares orientados instrumentalmente e onde os nativos tendem a adotar estilos de interação efêmera com os turistas.

Embora McCannell afirme que a comunidade receptora do turismo étnico passa por uma “pseudomudança” onde o que muda é apenas a retórica, isto se torna visível entre os Kaingang de Iraí. A arena turística torna-se um ponto de onde conseguem falar de si para o

mundo, um mundo que, segundo Grunewald (2003), necessita cada vez mais do primitivo como ponto estratégico.

A Terra Indígena Iraí possui aproximadamente 280 hectares e está localizada junto à estação hidromineral. Com uma população de 485 pessoas distribuídas em 86 casas, na sua maioria jovens e tendo como principal atividade econômica o artesanato, a Terra Indígena Iraí é atração turística.

Os turistas se hospedam nos sete hotéis de Iraí e visitam a Terra Indígena nos passeios tipo *city tour* oferecidos por dois hotéis, em veículos próprios indicados pelos hotéis ou ainda através da escola no dia do índio. São assim mais valorizados aqueles turistas que descem do veículo. Os Kaingang de Iraí não dependem do turismo, que beneficia economicamente apenas alguns da comunidade, isso se verifica à medida que nos meses da alta estação, onde os Kaingang saem majoritariamente para a venda do artesanato no litoral. Mesmo que ainda estejam em contato com o turismo quando saem deixam de estar em contato com o turismo aqui analisado, que ocorre na Terra Indígena e na cidade de Iraí.

O turismo, no entanto, é algo positivo e que pode ser melhorado, principalmente na forma que se expressam e se apresentam. Sua marca é a hospitalidade, maneira tradicional de receber. Para os turistas trata-se de uma oportunidade de confrontar estereótipos à realidade, para os Kaingang uma oportunidade de conquistar e ensinar respeito.

Entrevistando turistas, antes recreacionais que étnicos, verifica-se que em suas opiniões a respeito dos índios reproduzem imagens e estereótipos presentes no senso comum. Apesar de que todos já haviam tido algum contato com os índios de Iraí, mas apenas 50% os reconheceram como Kaingang. Sobre os índios presentes em Iraí fizeram perguntas, comentários, constatações e até acusações. Em nenhum momento reconheceram a hospitalidade kaingang.

Para os Kaingang o turismo é uma experiência recente, na qual os turistas vêm para conhecer algo diferente de sua rotina. O desenvolvimento econômico é secundário para os Kaingang que demonstram isso em sua estratégia para lidar com o tema, por meio de uma comissão para o debate. O que alcançam com o turismo é uma forma de “amansar” ensinando o respeito tanto a turistas como a agentes do turismo, assim através do turismo, divulgam sua causa.

Referências

BARRETTO, M. As Ciências Sociais Aplicadas ao Turismo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H.T.; LUCHIARI, M.T.D.P. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2º ed Campinas: Papyrus, 2001, p.17-36.

BARRETTO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, p.15-30, out. 2003.

BARRETTO, M. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.15, n.2, p.133-149, nov. 2004.

GOFFMAN, E. **Estigma** – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, 158 p.

GRÜNEWALD, R. A. **Os Índios e o descobrimento** – tradição e turismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001, 224 p.

GRÜNEWALD, R. A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, p.141-160, out. 2003.

GRÜNEWALD, R. A. Turismo e o “resgate” da cultura Pataxó. In: BANDUCCI JUNIOR, A.; BARRETTO, M. **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001, p.127-148.

LEITE, I. B. Invisibilidade étnica e identidade: negros em Santa Catarina. **Encontros com a Antropologia I- Identidade Imigração e Memória**. p.63-71, maio 1993.

NEIRA, H. Dinámica de la identidad cultural. In: CUARTO CONGRESO CHILENO ANTROPOLOGÍA, 2001. Chile. **ANAIS...** Disponível em: <http://rehue.csociales.uchile.cl/antropologia/congreso/...> Acesso em: 15 jan. 2002.

NUNES, R. G. A. **O conflito na fronteira: o lugar da descoberta do outro ou do desencontro?** Mato Grosso [200?]. Disponível em: fazburiti@hotmail.com

OLIVEIRA, J. P. Cidadania, racismo e pluralismo: a presença das sociedades indígenas na organização do Estado-Nacional brasileiro. In: OLIVEIRA, J. P. **Ensaio em antropologia histórica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p.193-207.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. 118p.

SANTANA TALAVERA, A. Turismo cultural, culturas turísticas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n.19, p.31-58, out. 2003.

SERRANO, C. Poéticas e Políticas das Viagens. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H.T.; LUCHIARE, M. T. D. P. (orgs.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. p.37-56.

TOMMASINO, K. **A história dos kaingang da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em movimento**. São Paulo, 1995. 340f. Tese (Doutorado em Antropologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

TOMMASINO, K. Território e territorialidade Kaingang – Resistência cultural e historicidade do grupo Jê. In: MOTA, L. T.; NOELLI, F. S.; TOMMASINO, K. (orgs) **Uri e Waxi** – Estudos Interdisciplinares dos Kaingang. Londrina: UEL, 2000. p.191-226.

URRY, J. **O olhar do Turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1996. 231p.